

Domingo IV do Tempo do Advento - Ano C – 22 dezembro 2024



Viver a Palavra

Deus Criador e Senhor de todas as coisas, que em Cristo se faz homem, escolhendo a nossa humanidade frágil e limitada como lugar da revelação do Seu amor infinito, revela-nos a nova lógica do Reino, onde aquilo que é pequeno, que é pobre e que não se impõe se torna lugar de anúncio alegre e feliz da força de Deus. A Liturgia da Palavra deste IV Domingo do Tempo de Advento constitui-se como um belo testemunho desta certeza e, assim, a pequena aldeia de Belém é o lugar escolhido para o nascimento do Messias (Profecia de Miqueias), o seio da Virgem Maria torna-se morada e habitação do Filho do Altíssimo (Evangelho de S. Lucas) e o corpo humano é o lugar de manifestação de Deus entre os homens (Epístola aos Hebreus).

Como nos recorda S. Paulo no seu epistolário, Deus escolhe os pequenos e o que é fraco aos olhos do mundo, para precisamente aí manifestar a Sua grandeza. Deste modo, também nós próprios, não obstante as nossas limitações e fragilidades, sentimo-nos incluídos no grande projeto de amor e felicidade que Deus tem para a humanidade.

Em Jesus Cristo e na força reveladora da Sua Incarnação não podemos olhar para a nossa condição humana limitada e frágil como um impedimento para nos aproximarmos de Deus e dos irmãos. Quando assumida e integrada, a nossa pequenez e debilidade tornam-se lugar permanente de apelo à conversão, um desafio para em cada dia ser mais e melhor, um convite a crescer e progredir na santidade que faz das nossas vidas irradiação da beleza, da bondade e da ternura de Deus.

Olhar assim a nossa fragilidade e pequenez é também um apelo a perceber como Deus se revela no nosso quotidiano, na simplicidade dos gestos e na descrição de tantas vidas disponíveis para o serviço do Evangelho. Por isso, exercitemos o nosso olhar e aprendamos a olhar para o mundo e para os homens e mulheres que conosco se cruzam nos trilhos do tempo e da história e saibamos encontrar no quotidiano da nossa vida a presença terna e próxima de Deus que cuida de nós, que nos toma pela mão e nos aponta o caminho da santidade.

Vencendo a nossa tentação tão humana de olhar apenas para aquilo que os outros fazem de mal, procuremos como Isabel louvar o Senhor por tudo aquilo que Ele faz de bom e de belo através daqueles que se cruzam conosco. Ao ver Maria, Isabel exclamou: «*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre*» e nestas palavras Isabel manifesta como quando nos abrimos à presença do Espírito Santo podemos contemplar as maravilhas que Deus opera no coração da história.

Como Maria, que habitada pelo Verbo de Deus, não fica indiferente ao mundo à sua volta e sabendo que a sua parenta Isabel que é de idade avançada se encontra grávida, coloca-se «*apressadamente*» a caminho, também nós devemos aprender esta arte de ir *apressadamente* ao encontro de quem precisa da nossa ajuda, da nossa presença e da nossa solicitude. Como recordava o Papa Francisco aos jovens, comentando este texto evangélico, muitas vezes, na vida, perdemos muito tempo a questionar-nos «quem sou eu?» sem colocarmos aquela que é a pergunta mais decisiva para a descoberta da nossa identidade: «*para quem sou eu?*». A resposta a esta pergunta há-de ajudar-nos a descobrir a nossa verdadeira identidade, pois no serviço aos irmãos, concretizamos a graça da nossa filiação divina e proclamamos, com a vida, as palavras da epístola aos Hebreus: «*Eis-Me aqui: Eu venho para fazer a tua vontade*». *in Voz Portucalense*.

+++++

No IV Domingo do Tempo de Advento estamos já na iminência da celebração do Natal do Senhor e são muitas as coisas a preparar e ultimar para a celebração familiar desta quadra natalícia. Este Domingo é uma oportunidade para convidar cada família a fazer da Ceia de Natal um verdadeiro lugar de vivência cristã, de modo particular pela oração em família. Por isso, deve convidar-se cada família a valorizar este momento de oração,

no início da Ceia Natalícia, acendendo uma vela ou valorizando as figuras do Presépio. Cada comunidade pode preparar uma proposta de oração para ser distribuída nas celebrações deste Domingo. *in Voz Portucalense*.

+++++

Com o **Tempo de Advento** damos início a um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, integrados na dinâmica de Advento, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Miqueias 5,1-4a

Eis o que diz o Senhor:

«De ti, Belém-Efratá,

pequena entre as cidades de Judá,

de ti sairá aquele que há de reinar sobre Israel.

**As suas origens remontam aos tempos de outrora,
aos dias mais antigos.**

Por isso Deus os abandonará

até à altura em que der à luz

aquela que há de ser mãe.

Então voltará para os filhos de Israel

o resto dos seus irmãos.

Ele se levantará para apascentar o seu rebanho

pelo poder do Senhor,

pelo nome glorioso do Senhor, seu Deus.

Viver-se-á em segurança,

porque ele será exaltado até aos confins da terra.

Ele será a paz».

CONTEXTO

Miqueias nasceu em Moreset Gat, uma aldeia de Judá, a cerca de 35 quilómetros a sudoeste de Jerusalém. Moreset Gat situa-nos num ambiente rural, onde abundavam os pequenos agricultores vítimas dos abusos dos grandes latifundiários. Por outro lado, a existência, nessa zona, de diversas fortalezas militares (Azeqa, Soco, Adulán, Maresa, Laquis) trazia aos habitantes da região um problema acrescido: os militares e funcionários reais que por lá se aquartelavam cometiam todo o género de arbitrariedades contra os camponeses pobres. Impostos excessivos, roubos à mão armada, obrigatoriedade de trabalhos forçados, prepotências e injustiças de todo o tipo amarguravam o dia a dia do povo simples da região.

De acordo com o livro (cf. Mq 1,1), o ministério profético de Miqueias prolongou-se pelos reinados de Jotam (739-734 a.C.), Acaz (734-727 a.C.) e Ezequias (727-698 a.C.). Para Judá, foi uma fase histórica difícil, marcada pela hegemonia da Assíria na região. Em 722 a.C., o rei assírio Salamanasar V conquistou a Samaria e, paralelamente, converteu Judá em vassalo da Assíria. Ezequias, rei de Judá, teve de submeter-se ao poderio assírio. Depois de alguns anos de relativa calma, aproveitando a morte do rei Sargão II (705 a.C.), Ezequias aderiu a uma coligação anti assíria; mas Senaquerib, sucessor de Sargão II, invadiu Judá, conquistou diversas cidades e cercou Jerusalém. Para evitar males maiores, Ezequias submeteu-se e comprometeu-se a pagar aos assírios um pesado tributo. Foi esse o cenário histórico que marcou os últimos anos do reinado de Ezequias.

Miqueias conhecia bem a situação dos camponeses de Judá. A sua mensagem denuncia as injustiças praticadas pelos grandes latifundiários, a venalidade dos juizes, as violências praticadas pelos militares e pela classe dirigente contra o povo simples, as mensagens mentirosas dos falsos profetas, a religião cúmplice dos injustos e prepotentes, a infidelidade a Deus manifestada no culto aos deuses estrangeiros... Miqueias considera que Deus está farto de tanto pecado e que se prepara para castigar Judá. Esta denúncia aparece sobretudo nos capítulos 1 a 3 do livro de Miqueias.

No entanto, o profeta deixa a porta aberta à esperança. Nos capítulos 4 e 5 do livro de Miqueias aparecem diversos oráculos de salvação que falam de um tempo novo que Deus prepara para o seu Povo: um resto de

Judá será o viveiro de reflorescimento da nação; Jerusalém será um centro para onde acorrerão povos de toda a terra, a fim de se encontrarem com Deus; aparecerá um rei, da descendência de David, que apascentará Judá e inaugurará um tempo novo de tranquilidade, de paz e de abundância de vida. Alguns biblistas pensam que estes capítulos não foram redigidos por Miqueias, mas sim por um profeta anónimo, na época do Exílio na Babilónia.

O texto que a liturgia deste quarto domingo do advento nos propõe como primeira leitura pertence a este lote de “oráculos de salvação”. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A profecia de Miqueias evidencia uma constante que se repete ao longo de toda a história da salvação: os homens, com ridícula teimosia, insistem em trilhar caminhos de egoísmo, de orgulho, de ambição, de injustiça, de violência, de destruição, de morte; e Deus, com amor infinito, insiste em apontar-lhes os caminhos que conduzem à vida, à paz, à realização plena, à felicidade sem fim. Teremos razão quando acusamos Deus por permitir o mal e a violência que ensombram o mundo e a história dos homens? Depois de tudo o que Deus tem feito para abrir portas de esperança nos muros sem saída que levantamos, podemos culpá-lo pelo estado atual do nosso mundo? Será Deus que não quer saber de nós, ou seremos nós que não queremos saber de Deus, das suas indicações e do seu amor?
- Nós, cristãos, ligamos a profecia de Miqueias – sobre esse rei humilde que virá ao encontro dos homens e que será “a paz” – com a vinda de Jesus. Jesus, nascido da família de David, veio ao nosso encontro vestido de humildade e convidou-nos a colaborar com Ele na construção de um mundo de paz, de justiça, de entendimento, de amor. Jesus chamava, a esse “projeto”, o “reino de Deus”. Nós, encantados com Jesus, decidimos embarcar com Ele na bela aventura de construir o reino de Deus. Estamos verdadeiramente comprometidos com este projeto? Esforçamo-nos por eliminar tudo aquilo que, à nossa volta, é fonte de conflito, de injustiça, de opressão, de sofrimento, de morte? Procuramos dar testemunho de bondade, de amor, de misericórdia, de compreensão, de perdão, de serviço? O nosso objetivo é, como era o de Jesus, construir um mundo de paz? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL - Salmo 79 (80)

Refrão 1: Senhor nosso Deus, fazei-nos voltar, mostrai-nos o vosso rosto e seremos salvos.

Refrão 2: Mostrai-nos, Senhor, o vosso rosto e seremos salvos.

**Pastor de Israel, escutai,
Vós estais sobre os Querubins, aparecei.
Despertai o vosso poder
e vinde em nosso auxílio.
Deus dos Exércitos, vinde de novo,
olhai dos céus e vede, visitai esta vinha;
protegei a cepa que a vossa mão direita plantou,
o rebento que fortaleceste para Vós.
Estendei a mão sobre o homem que escolheste,
sobre o filho do homem que para Vós criastes.
Nunca mais nos apartaremos de Vós,
fazei-nos viver e invocaremos o vosso**

LEITURA II – Hebreus 10,5-10

Irmãos:

Ao entrar no mundo, Cristo disse:

**«Não quiseste sacrifício nem oblações,
mas formaste-Me um corpo.**

Não Te agradaram holocaustos nem imolações pelo pecado.

Então Eu disse: ‘Eis-Me aqui;

no livro sagrado está escrito a meu respeito:

Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade’».

Primeiro disse: «Não quiseste sacrifícios nem oblações,

não Te agradaram holocaustos nem imolações pelo pecado».

E no entanto, eles são oferecidos segundo a Lei.

**Depois acrescenta: «Eis-Me aqui:
Eu venho para fazer a tua vontade».
Assim aboliu o primeiro culto
para estabelecer o segundo.
É em virtude dessa vontade
que nós fomos santificados
pela oblação do corpo de Jesus Cristo,
feita de uma vez para sempre.**

CONTEXTO

Não sabemos quem foi o autor do escrito a que se deu o nome de “Carta aos Hebreus”. A tradição oriental atribui-o a São Paulo; mas no ocidente há muito que este texto é considerado não paulino. Surgido na segunda metade da década de sessenta do primeiro século (antes da destruição de Jerusalém, no ano 70, pois fala da liturgia do Templo como uma realidade atual), poderá ser obra de um discípulo de Paulo, empenhado em estimular a vivência do compromisso cristão e levar os crentes a crescer na fé.

Embora a tradição tenha considerado como destinatários deste escrito os “hebreus”, isso não significa, efetivamente, que o seu autor o destinasse exclusivamente a cristãos oriundos do mundo judaico. É verdade que nele se referem continuamente factos e figuras do Antigo Testamento; mas, por essa altura, o Antigo Testamento era já património comum de todos os cristãos, mesmo dos que provinham do mundo greco-romano. Tratava-se, em qualquer caso, de comunidades cristãs em situação difícil, expostas a perseguições e que viviam num ambiente hostil à fé... Os membros dessas comunidades tinham já perdido o fervor inicial pelo Evangelho e começavam a ceder à sedução de certas doutrinas não muito coerentes com a fé recebida dos apóstolos...

A Carta aos Hebreus apresenta – recorrendo à linguagem da teologia judaica – o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência – através de quem os homens têm acesso a Deus e são inseridos na comunhão real e definitiva com Deus. O autor aproveita, na sequência, para refletir nas implicações desse facto: postos em relação com o Pai por Cristo/sacerdote, os crentes são inseridos nesse Povo sacerdotal que é a comunidade cristã e devem fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor. Desta forma, o autor oferece aos cristãos um aprofundamento e uma ampliação da fé primitiva, capaz de revitalizar a sua experiência de fé, enfraquecida pela acomodação e pela perseguição.

O texto que nos é proposto como segunda leitura neste quarto domingo do advento pertence à terceira parte da carta (Heb 5,11-10,39). Aí, o autor da Carta apresenta Cristo como o sumo-sacerdote. Mas, enquanto sumo-sacerdote que faz a mediação entre Deus e os homens, Cristo é bem superior aos sacerdotes veterotestamentários. Ele, o sumo-sacerdote da nova Aliança, inaugura um novo culto, oferecendo-se a si mesmo ao Pai, num sacrifício perfeito e eficaz. O seu sacrifício obtém a salvação eterna para todos os homens. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O autor da Carta aos Hebreus oferece-nos uma boa chave de leitura para entender a vida de Jesus: desde que Ele “entrou” no mundo, dispôs-se a pôr a sua vida ao serviço do plano de Deus, numa obediência total e numa entrega absoluta à vontade do Pai. Jesus não privilegiou projetos pessoais, nem buscou em primeiro lugar a própria realização; não procurou a riqueza, o reconhecimento, as glórias humanas, o aplauso das multidões, a segurança ou o bem-estar. Uma vez disse aos discípulos: “o meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4,34). Desceu ao encontro dos homens, vestiu a nossa fragilidade, experimentou a fome, a sede, o cansaço, o medo, enfrentou os donos do mundo, combateu as injustiças, correu todos os riscos, foi condenado a uma morte infame, para concretizar o projeto do Pai. Qual o lugar que o projeto de Deus assume na nossa vida e nas nossas prioridades? O que é que nos move, nos faz todos os dias levantar da cama e enfrentar o mundo: os nossos interesses pessoais, as nossas realizações humanas, ou a concretização do projeto de Deus?
- O autor da Carta aos Hebreus sugere que os sacrifícios, os holocaustos, os rituais externos que nada mudam, a religião de fachada, não são o culto que Deus espera. A Deus de nada servem as nossas liturgias solenes, os nossos cânticos religiosos polifónicos, as nossas procissões, as nossas orações mil vezes repetidas, os paramentos sumptuosos que usamos nas nossas liturgias, as nossas procissões cheias de andores, as nossas práticas de piedade, as nossas festas religiosas meio cristãs e meio pagãs, se não estivermos disponíveis para escutar e para acolher a sua vontade, o projeto que Ele tem para os homens e para o mundo. Como é o culto que prestamos a Deus? A vivência da nossa fé vai além de uma religião de gestos externos, de práticas piedosas, de rituais litúrgicos rotineiros? A nossa grande prática religiosa é a obediência à vontade de Deus?
- Para conhecermos o projeto de Deus e para obedecermos à sua vontade, precisamos de passar tempo com Ele. Jesus sempre reservou tempo para o diálogo com Deus. Cada dia, depois do

encontro com as multidões, retirava-se para um lugar isolado e falava com o Pai. Nesse diálogo, tomava consciência do amor que o Pai lhe tinha, descobria a vontade do Pai e ganhava força para cumprir a missão. Jesus saía desses momentos fortalecido na sua decisão de obedecer incondicionalmente ao Pai. O tempo de advento é um tempo favorável para revitalizarmos a nossa intimidade com Deus, para falarmos mais com Deus, para escutarmos e acolhermos a sua Palavra. Dispomo-nos a isso, enquanto esperamos o Senhor que vem? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Lucas 1,39-45

**Naqueles dias,
Maria pôs-se a caminho
e dirigiu-se apressadamente para a montanha,
em direção a uma cidade de Judá.
Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.
Quando Isabel ouviu a saudação de Maria,
o menino exultou-lhe no seio.
Isabel ficou cheia do Espírito Santo
e exclamou em alta voz:
«Bendita és tu entre as mulheres
e bendito é o fruto do teu ventre.
Donde me é dado
que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?
Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos
a voz da tua saudação,
o menino exultou de alegria no meu seio.
Bem-aventurada aquela que acreditou
no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito
da parte do Senhor».**

CONTEXTO

O texto de Lucas que nos é proposto neste quarto domingo do advento pertence ao chamado “Evangelho da Infância”. Ora, os “Evangelhos da Infância de Jesus” (quer o de Mateus, quer o de Lucas) enquadram-se num género literário próprio, que recorre às técnicas do *midrash haggádico* (uma técnica de leitura e de interpretação do texto sagrado usada pelos rabis judeus) para nos apresentar o mistério de Jesus. A preocupação dos evangelistas que nos legaram os “Evangelhos da Infância” não é apresentar um relato factual dos acontecimentos dos primeiros anos de Jesus, mas sim oferecer às suas comunidades uma catequese que proclame determinadas realidades salvíficas (que Jesus é o Messias, que Ele vem de Deus, que Ele é o “Deus conosco”). Com recurso a tipologias (correspondência entre certos factos e pessoas do Antigo Testamento e outros factos e pessoas do Novo Testamento), a manifestações apocalípticas (anjos, aparições, sonhos) e a outros recursos literários, Mateus e Lucas tecem as suas catequese sobre Jesus, o Filho de Deus que veio ao encontro dos homens. O Evangelho que nos é hoje proposto deve ser entendido a esta luz e neste enquadramento.

Antes da cena que nos descreve no Evangelho deste domingo, Lucas tinha-nos contado a visita do anjo Gabriel a Maria e o anúncio de que ela seria a mãe de Jesus, o “Filho do Altíssimo”. O anjo tinha também dito a Maria que a sua parente Isabel estava no sexto mês de gravidez e ia dar à luz uma criança (cf. Lc 1,26-38). Na sequência, Lucas põe Maria a deixar Nazaré e a dirigir-se “apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá” (Lc 1,39). O seu objetivo é ir ao encontro de Isabel. A tradição cristã identifica essa “cidade de Judá” com a atual Ain Karim, a seis quilómetros a oeste de Jerusalém. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Estamos na última etapa do “caminho do advento”. Nestes dias que antecedem a celebração do Natal tendemos a ser apanhados pela azáfama dos preparativos para a festa, pela corrida às “prendas”, pelo protocolo dos desejos de boas festas, pelo “ruído de fundo” das luzes, dos spots comerciais, das músicas natalícias; e, no meio dessa onda de futilidade que nos submerge e que nos arrasta, podemos perder de vista o Deus que vem ter conosco. Ora, aquelas duas mulheres grávidas de esperanças – Maria e Isabel – que Lucas coloca no centro do Evangelho deste domingo convidam-nos a centrar a nossa atenção no menino que está para chegar e a acolhê-lo convenientemente: com o amor, com a alegria, com a gratidão, com o espanto que elas sentiram diante da visita de Jesus. Jesus é o centro da história da salvação, a realização plena das promessas de Deus, o “Senhor” da história (o “Kyrios”) que vestiu a nossa humanidade para nos trazer a paz. Estamos focados n’Ele? No nosso coração e na nossa vida há lugar para Ele?

- Maria, depois de receber o chamamento de Deus e de aceitar ser a mãe do “Filho do Altíssimo”, pôs-se a caminho. Não fica fechada na sua casa, mergulhada na contemplação do seu estatuto de mãe de um menino que vai herdar “o trono de seu pai David” e que “reinará eternamente sobre a casa de Jacob” (Lc 1,32-33), como lhe disse o mensageiro de Deus. Transportando o Messias prometido, ela torna-se mensageira da paz. Habitada por notícias felizes, Maria faz-se “evangelizadora”. Ela leva o “Evangelho” ao encontro daqueles que esperam ansiosamente a Boa notícia da chegada libertadora de Deus. É assim que ela prepara o nascimento daquele menino que vem mudar o curso da história dos homens. Nestes dias que antecedem a celebração do nascimento de Jesus, temos sido mensageiros da paz que Jesus veio oferecer ao mundo e aos homens? Temos sido arautos da Boa notícia da chegada da salvação?
- Quando Maria chegou junto de Isabel e a saudou, o bebé de Isabel estremeceu de alegria no seio da mãe. Isabel também reagiu à chegada e à saudação de Maria com um grito irreprimível de alegria. É a alegria de quem se sente visitado por Deus; é a alegria de quem reconhece a chegada da salvação; é a alegria de quem percebe que chegou o tempo novo da paz verdadeira, da libertação definitiva, da felicidade sem fim. Os homens e mulheres que todos os dias se cruzam connosco nos caminhos da vida estremeçam de alegria com as notícias que lhes damos? Sentem, através do nosso testemunho, que Deus chegou para os fazer avançar por um caminho novo e feliz? Aqueles que a vida magoou, os que ficam caídos nas bermas da estrada por onde a humanidade vai avançando, os que não têm voz nem vez, os que choram lágrimas amargas de revolta e de arrependimento sentem, a partir do nosso testemunho, que Deus veio ao encontro deles para lhes curar as feridas e para lhes dar uma nova esperança?
- Maria de Nazaré é uma jovem humilde de uma aldeia que não vem no mapa, noiva de um pobre artesão de Nazaré; Isabel é uma mulher já com alguma idade, dona de casa, que vive numa pequena povoação de Judá, ao lado de um marido igualmente idoso. Nenhuma delas aparece na lista das mulheres importantes da Palestina daquela época. Maria foi escolhida para trazer ao mundo Jesus, o salvador prometido por Deus aos homens; Isabel foi visitada pelo menino que veio trazer a esperança a Israel e ao mundo. Elas são “benditas”, apesar da humildade e simplicidade das suas vidas. Deus, quando entra no mundo, escolhe sempre a porta da simplicidade, da humildade, da pequenez. Estamos conscientes disto? Quem são hoje, para nós, aqueles e aquelas que são “benditos”? Quem são hoje aqueles e aquelas através dos quais Deus oferece ao mundo e salvação e a paz?
- Isabel proclama Maria “bem-aventurada” porque “acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor”. De facto, Maria não precisou de grandes explicações quando lhe foi pedido que colaborasse no projeto de Deus. Não hesitou, não pediu garantias, não procurou salvaguardar os seus projetos pessoais, não pôs em causa a lógica de Deus... Confiou simplesmente na Palavra de Deus e entregou-se confiadamente nas mãos de Deus. Maria é a mulher da fé autêntica, o modelo do crente verdadeiro. É dessa forma que nós “acreditamos”? Quando Deus nos pede que vamos contra o bem senso, ou contra a corrente, ou contra os “fazedores de opinião” do nosso tempo, aceitamos a Palavra de Deus e reagimos com a mesma confiança incondicional de Maria?
- Embora o nosso texto não fale disso, é possível ver, na visita de Maria a Isabel, um gesto de solidariedade para com aquela parente idosa que ia ter um bebé e que precisava de apoio e de ajuda. Temos consciência de que acolher Jesus é estar atento às necessidades dos irmãos, partir ao seu encontro, partilhar com eles a nossa amizade e ser solidário com as suas necessidades? *in Dehonianos*

Para os leitores:

A **primeira leitura** é constituída essencialmente pela palavra dirigida pelo Senhor ao Povo de Israel. Deste modo, deve ter-se em atenção a introdução ao discurso direto do Senhor Deus, que deve ser lido com o tom adequado de quem anuncia uma mensagem de esperança e salvação.

Na **segunda leitura**, deve haver um especial cuidado com as introduções ao discurso direto: «*eu disse*»; «*primeiro disse*» e «*depois acrescenta*».

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)